

Da insubmissão da linguagem literária à consistência deformável da língua: dizer o *indizível*

Helena Topa Valentim

Abstract: The fact that literary texts reveal a reflexive and metalinguistic detachment indirectly underlines another fact: that a poetic hermeneutics can never fail to be a linguistic hermeneutic. Moreover, many writers say that they are aware of what, in their view, are «displacements» that the literary text genre imposes on the language, thus evidencing the inherently constitutive deformability of language, which is described and explained by linguists. Given the tension that exists between what is stable (or invariable) to languages and what is simultaneously deformable (or variable), we propose to go through some literary texts of Portuguese authors - poems namely - in which the idea of the *unspeakable* is constructed as a form of language insubmission. We will describe some linguistic forms and constructions, whose underlying predicative and enunciative operations can help to understand the literary text.

Le problème d'aller jusqu'aux limites du formulaire étant qu'il y a l'informulable; entre les deux existe un espace très complexe qui nos interesse.

(Culioli 2011: 7)

No seu texto de 2003 sobre fenómenos lógico-linguísticos do domínio da modalidade, Maria Henriqueta Costa Campos socorre-se, como ilustração, de alguns versos da «Ode Marítima» de Álvaro de Campos. Esta atenção dedicada a um objeto empírico como é um texto justifica a seguinte afirmação:

Ao analisar a significação de um texto, o que interessa ao linguista é não tanto o que se diz mas a forma como se diz. Uma primeira leitura desencadeia a intuição, ponto de partida para a observação e a problematização. Constitui-se então o texto em objecto de estudo linguístico e faz-se incidir a observação e a análise sobre a articulação das categorias gramaticais e das categorias lexicais convergindo para a construção das significações. (Campos, 2003: 116)

Maria Henriqueta Costa Campos define, deste modo, a sede de um interesse que representa, do seu ponto de vista, o texto: «a forma como se diz», mais do que «o que diz». Pretendendo analisar «a articulação das categorias gramaticais e das categorias lexicais convergindo para a construção das significações», aponta para um procedimento metodológico particular, ao relevar a importância do que refere como «primeira leitura» enquanto desencadeadora de um movimento intuitivo, «ponto de partida para a observação e a problematização».

Num outro texto em que também se dedica a analisar um texto literário, no caso, o conto “Jesus”, de Miguel Torga, a autora afirma:

[...] o texto literário, ainda que possa dar a ilusão da simplicidade, é, por definição, resultante de processos cognitivos e estéticos de grande complexidade. Poderá constituir objecto de análise do linguista a forma como aí se estruturam, na sua diversidade, os valores referenciais em presença.

Interessando-se, a priori, menos pelo que é dito do que pelos processos de o dizer, o linguista tem a possibilidade de revelar novas dimensões de interpretação, e de, em consequência, alargar, eventualmente questionar e, em todos os casos, desenvolver as suas construções teóricas. (Campos, 2006: 55)

Ao reiterar o interesse particular do linguista pelos «processos do dizer» presentes no texto literário, que – afirma – se ancoram em «processos cognitivos e estéticos de grande complexidade», refere a possibilidade de, estudando linguisticamente este mesmo género de textos, se poder revelar «novas dimensões de interpretação». Ora, esta possibilidade decorre do facto incontornável de a atividade linguística se caracterizar pela complexidade e a heterogeneidade, ao haver uma modulação permanente, um ajustamento intersubjetivo, que está na base da variação, ou até mesmo de uma desordem ou desequilíbrio, que é possível observar em todos os domínios do funcionamento da língua. Daí a necessidade de um cálculo dinâmico e complexo; isto é, de se proceder analiticamente, desenvolvendo um processo reflexivo. Importa dar conta da variação, não apenas dizer que ela existe: isto é, importa «a forma como se diz», não apenas «o que se diz».

Os textos literários revelam um distanciamento reflexivo – e mais do que isso: os textos literários alicerçam-se num distanciamento reflexivo. Pode-se falar a este respeito de atividade epilinguística, um gesto mental inscrito na língua e que consiste na capacidade que qualquer falante tem de, exatamente por ser falante de uma língua (ou de várias), falar dessa(s) língua(s). Antoine Culioli refere-se à atividade epilinguística como «rationalité silencieuse» (2018: 34), manifestação de uma «complexité mouvante» ([1995] 2018: 18).

Muitos escritores, alguns deles poetas, dizem-se, nos seus textos, conscientes daquilo que, na sua perspetiva, são *deslocações* que os textos literários impõem à língua, sendo estes episódios literários, pela sua explicitude, uma forma de apontar para a deformabilidade constitutiva da linguagem.

Também neste facto reside o interesse que o texto literário possa representar para a análise linguística, uma vez que se apresenta como lugar da tensão existente entre o que é estável (ou invariável) às línguas e o que, por estar permanentemente sujeito à dinâmica da modulação intersubjetiva, se apresenta simultaneamente como deformável (ou variável).

O *indizível* (assim dito e muito glosado) é uma das expressões desta deformabilidade, de que os escritores comumente dão conta como forma de insubmissão da linguagem. A impossibilidade confessa de dizer questiona, ou simula questionar¹, a própria possibilidade de se construir significação. Compromete, ou simula comprometer, o ofício da escrita, de modo paradoxal, atribuindo-lhe o sentido da indizibilidade como condição da dizibilidade.

Vejam-se, a título de ilustração, os seguintes versos de diferentes poetas.

1.

escrevo nomeando tudo
e tudo transcende o nome que tem

¹ Considere-se, entre outros possíveis, os versos de Fernando Pessoa: *O poeta é um fingidor / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente.*

tudo alarga de inominável

brilho

(Miguel Manso)

2.

cada palavra uma vertigem rasa

um precipício rente

(Miguel Manso)

3.

Nenhum gesto divide a redondez nocturna

em que a palavra habita a nascente secreta

(António Ramos Rosa)

4.

A linguagem é sem dúvida

Uma bruma áspera, silábica

(Carlos de Oliveira)

5.

Localizar

na frágil espessura

do tempo,

que a linguagem

pôs

em vibração,

o ponto morto

onde a velocidade

se fractura

e aí

determinar

com exatidão

o foco

do silêncio

(Carlos de Oliveira)

A poesia, em particular, coloca a exigência de definição de um (sub)género literário. No texto poético, não se realiza (ou, pelo menos, simula-se/ilude-se a não realização de) um ato instrumental, ancorado pragmaticamente num contexto dado, na interação. Por conseguinte, as formas e as construções linguísticas concorrem, neste (sub)género, para se alcançar um efeito,

que podemos questionar se se trata de uma forma particular de construção da significação. O facto é que o texto se reconhece como resultado de um gesto, ou *ato poético*. Mas o que é um *ato poético*? Como se define linguisticamente o *ato poético*?

Trata-se de perguntas cujas respostas, adotando uma perspectiva de análise linguística, se situam num registo diferente do das respostas dos poetas, quando elaboram as suas Poéticas, enquanto chaves de leitura hermenêutica da sua própria atividade poética. Sem que se possa dar-lhes resposta senão localmente, pela análise das formas e das construções linguísticas em presença, estas questões, pela simples formulação, apontam um horizonte – um campo de pesquisa possível – baseado no princípio segundo o qual uma hermenêutica poética não pode nunca deixar de ser uma hermenêutica linguística. É da resposta a estas interrogações que poderá igualmente resultar um contributo para a caracterização do (sub)género em causa.

O *indizível* corresponde ao que é informulável e para que, afinal, se tem um dizer, uma formulação. Veja-se, a título de exemplo, como as formas linguísticas, no caso grupos nominais, *inominável brilho* (em 1), *uma vertigem rasa, um precipício rente* (em 2), *redondez nocturna, a nascente secreta* (em 3), *uma bruma áspera, silábica* (em 4), *o ponto morto / onde a velocidade / se fractura; o foco / do silêncio* (em 5), marcam, de forma variada e dependendo da determinação e da natureza do nominal, a construção de uma ocorrência linguística de noções lexicalizadas a que corresponde um valor referencial que – pretende o enunciador-locutor poeta - traduz uma representação do que será o inefável da linguagem, o *indizível*.

A implicação de que *não há palavras*, ou de que *não tenho palavras*, tem, como correlato, construções linguísticas abundantes e variadas, sobretudo na poesia, atestando que, afinal (vejam-se os exemplos de cima), as palavras não faltam.

Constrói-se o que, na tradição retórica e estilística, são figuras semânticas, entre elas a metáfora, a metonímia. Trata-se de um trabalho sobre o léxico, mais propriamente sobre as noções lexicais, trabalho esse de que resultam construções linguísticas para cujo o cálculo converge necessariamente o conceito de domínio nocional, na sua estruturação e possibilidades de deformabilidade. Dir-se-á que a dimensão do *indizível*, do não mensurável, é a do não representável. Porém, sendo o não representável ainda compreensível na relação com o representável, a sua descrição-explicação enquanto construção linguística implica, por conseguinte, um cálculo que desafia a plasticidade de representação metalinguística inerente ao domínio topológico por via do qual se dá conta das ocorrências linguísticas como constructos.

Recorde-se que o domínio nocional permite representar o localizável: entenda-se, localizável no Interior (I) ou no Exterior (E), ou mesmo no ponto de bifurcação a partir do qual se perspectiva I e/ou E (IE) (figura 1).

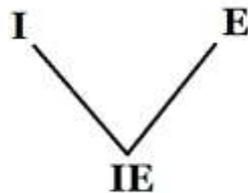


Figura 1

Considerando o não localizável ou indizível, está-se perante *o exterior de toda a localização*. Há, neste caso, a neutralização da possibilidade de se construir significação: nenhum valor é possível, nem mesmo os dois equiponderados. Formalmente este *exterior de toda a localização* é representável, por isso, com recurso a outras zonas de representação, isto é, a uma posição exterior ao domínio na sua totalidade. Culioli refere, aliás, a possibilidade de se conceber esse *outro Exterior*, que não é E, nem IE; que é o *fora de IE*, uma coordenada topológica em posição *décrochée* (o “fora do fora de”), assim representado:

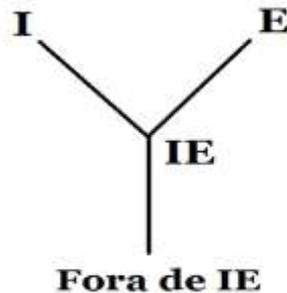


Figura 2: Culioli [2011] 2018: 81

O domínio nocional (figura 1) possui duas orientações (partindo de IE): em direção ao centro e em direção à fronteira (F) e ao exterior (E), que é *o outro, o ausente*. Conforme representado na figura 2, com uma seta para baixo, para *fora de IE*, pode representar-se metalinguisticamente a rejeição, deste modo, se operando o reenvio para *o indizível*, ou mais precisamente, para o que é dizível como indizível.

O facto de se dar a localização de qualquer expressão relativamente a este lugar de indizibilidade suscita reações interlocutórias: assere-se efetivamente um conteúdo proposicional; constrói-se e localiza-se enunciativamente uma relação predicativa (vejam-se os exemplos 1 a 5). Não corresponde, por esse motivo, a algo que pudesse ocorrer fora do dizer, ou seja, fora de uma atividade locutiva. Culioli afirma que a construção deste valor *décrochée* «c'est proprement une activité de sujet énonciateur», que – acrescenta – “exteriorise quelque chose qui ne signifie pas exactement ce que cela pourrait signifier si l'on passait à un stade interlocutoire”. Il s'agit d'un stade transindividuel, au sens où il ne renvoie à rien d'autre que l'activité interne d'un sujet.» ([2011] 2018: 75). Daí que a indizibilidade seja ainda enunciável por um sujeito.

Estas operações de localização *fora de IE* podem precisamente auxiliar na descrição e explicação da forma de se construir significação nos textos poéticos sempre que estes retomam a questão do limite da linguagem, isto é, da indizibilidade. Mais concretamente, estas operações podem entender-se como recursos estilísticos, permitindo explicar certos efeitos de sentido que caracterizam o gesto ou ato poético.

Pode-se ainda aproximar estas operações daquilo que seja uma situação aporética, em que se dá uma suspensão deliberada do juízo, da construção de valores². Porém e paradoxalmente, a

² Inicialmente formulada na antiguidade clássica (cf. Aristóteles, em Tópicos, 6.145.16-20), a aporia pode ser definida como uma figura de retórica, dizendo respeito aos momentos em que uma personagem dá sinais de dúvida ou de indecisão relativamente à forma de agir ou de se expressar. Um exemplo de situação aporética é o solilóquio de Hamlet, de William Shakespeare, que consagrou a expressão “to be or not to be” (Ato III, 1).

mesma suspensão dá acesso a uma representação linguística estabilizada, isto é, lexicalizada e determinada referencialmente. A dizibilidade do indizível vê-se refletida no trabalho nocional, seja ele lexical, como nos exemplos atrás destacados, seja ele proposicional, como no exemplo seguinte:

Algures

o poema sonha

o arquétipo

do voo³

[...]

(Carlos de Oliveira)

Nos enunciados que marcam uma operação de localização *fora de IE*, e que expressam a indizibilidade, há uma recentragem que reenvia para o atrator. Isto é, como não existe a ocorrência tipo de um lugar nulo (*fora de IE*) e o único ponto de estabilização é o centro atrator, é por recurso ao centro atrator que se dá a estabilização. O atrator fornece o valor ideal, o alto grau de uma propriedade. Ora, o indizível opera o reenvio ao inacessível: situar uma ocorrência *fora de IE* é uma operação sem estabilidade. No entanto, o grau de intensidade, de força, de sublime que, linguisticamente, expressa tal indizibilidade mais não é do que uma estabilização que se explica metalinguisticamente enquanto orientação para o centro atrator, o único ponto de estabilização. Assim se explica a dizibilidade do indizível e, por decorrência, aquilo em que possa consistir o gesto ou ato poético: um jogo entre o ideal inacessível e o ausente ou vazio.

Retomando a estruturação do domínio nocional, confirma-se que o único ponto da inacessibilidade, em que nenhum valor é realmente construído é o ponto da bifurcação, IE:

[...] si l'on se reporte à la bifurcation, on constate que la seule position qui nous fournisse une valeur inaccessible [...] est la pointe [i.e., IE]: elle marque la construction de tous les possibles, que, seul, l'engagement sur l'un des chemins [I, E ou fora de IE] permet de séparer ([1997] 2018: 97).

Notas conclusivas

Em jeito de conclusão, sublinhe-se algo aqui atestado como incontornável: nada existe fora da linguagem. Tudo é o que é (ou o que seja), por ser representável cognitiva e linguisticamente por um enunciador; até o indizível. A insubmissão linguística dos textos poéticos baseia-se nos dois princípios que definem a «consistência deformável» das línguas (Culioli 2002): a estabilidade (ou identidade), por um lado, e a deformabilidade (ou variação), por outro. Estes dois princípios justificam-se no quadro das relações dinâmicas que as unidades linguísticas

³ Sublinhados nossos.

entretecem, seja entre si (cotextualização) seja com o contexto (contextualização). Relevante é, por isso, «a forma como se diz», mais do que «o que se diz». (Campos 2003: 55)

Sendo necessário tornar-se consciente para verificar como a linguagem funciona quando não se está dela consciente, os textos poéticos têm a virtude de se construir como um exercício de consciência aguda sobre o funcionamento da linguagem, cuja descrição e explicação é objeto de pesquisa por parte dos linguistas.

Terminamos com um excerto de João Barrento:

A poesia é o enigma que diz: nomear não é conhecer (pretensão abusiva de toda a predicação de raiz aristotélica, que afirma perentoriamente sem hipóteses, que A é B), mas o poema é o abrir de outras portas nas mesmas palavras, uma “amplificação” permanente do mundo e do sentido [...]. ‘Chaque même mote est une autre’ (Cada palavra, sendo ela mesma, é outra), escreve o poeta judeu francês Bernard Vargaftig [...] (2014: 28)

Referências

- Culioli, A. (2018) *Pour une linguistique de l'énonciation*, tome IV. Paris: Lambert-Lucas.
- Culioli, A. (2011) Du formulaire à l'informulable, *Faits de Langues*. Les cahiers, nº 3.
- Culioli, A. (2002) *Variations sur la linguistique*. Klincksieck.
- Campos, M.H.C. (2003) Exercício sobre uma ode. In I. Castro; I. Duarte (eds.), *Razões e emoção. Miscelânea de estudos oferecida a Maria Helena Mira Mateus pela sua jubilação*, vol. I. Lisboa.
- Campos, M.H.C. (2006) Valores aspectuais no conto “Jesus” de Miguel Torga. Uma análise linguística, *Revista Portuguesa de Filologia. Miscelânea de Estudos in Memoriam José G. Herculano de Carvalho*, Vol. XXV, Tomo I, 2003-2006, pp. 55-68.
- Barrento, J. (2014) *Geografia imaterial. Três ensaios sobre a poesia*. Lisboa: Documenta.